

# Dr. Robert C. Newman, Evangelhos Sinópticos , Aula 15 Redação Crítica

© 2024 Robert Newman e Ted Hildebrandt

Certo, vamos então nos voltar para a crítica de redação. O que é crítica de redação? Bem, precisamos olhar algumas definições. Redação, que é a atividade de um redator.

Isso traz a questão do que é um redator. Bem, poderíamos dizer que é uma pessoa que faz redação, mas diremos um sinônimo para editor, ok? E então a crítica de redação é um tipo de estudo bíblico preocupado com a atividade de redatores ou editores. Norman Perrin, em seu pequeno livreto, *O que é Crítica de Redação?* na página um diz, está preocupado com o estudo da motivação teológica de um autor, como isso é revelado na coleta, arranjo, edição e modificação de material tradicional e na composição de novo material ou na criação de novas formas dentro das tradições do cristianismo primitivo. Vou dar a vocês um esboço muito rápido da crítica de redação histórica.

É um desenvolvimento relativamente recente na crítica liberal do Novo Testamento, para o qual damos uma rápida revisão. Falamos anteriormente sobre problemas sinóticos e crítica de fontes. Desde o segundo século, tem havido debate e discussão sobre as semelhanças e diferenças entre os Evangelhos e como explicá-los.

No final do século XIX, uma espécie de consenso foi alcançado, chamado de teoria dos dois documentos, Q e Marcos como fontes de Mateus e Lucas. Esse tipo de trabalho é chamado de crítica literária ou de fonte. A confiabilidade histórica dos Evangelhos, que foi discutida em paralelo com a do Problema Sinótico, tornou-se especialmente debatida com a ascensão do liberalismo teológico no século XIX.

No final daquele século, por volta de 1900, a maioria dos liberais achava que Marcos era o evangelho mais confiável, exceto por seus milagres, que eram basicamente históricos. Wilhelm Wrede, em seu *Messianic Secret* 1901, argumentou que Marcos não era uma história confiável, mas teologicamente motivado a apresentar Jesus como o Messias, embora Jesus nunca tenha afirmado ser tal. Então, as críticas surgiram nos estudos do Novo Testamento logo após a Segunda Guerra Mundial na Alemanha.

Seus pioneiros foram Carl Schmitt, Martin Debelius e especialmente Rudolf Bultmann. Eles aceitaram a alegação de Wrede de que Marcos criou sua própria estrutura e tentaram ir além dos Evangelhos para estudar o período de transmissão oral. A maioria dos críticos da forma alegou que entre a vida de Jesus e a escrita dos Evangelhos, muito material foi inventado e muito foi mudado.

Bem, isso nos leva à crítica de redação. A crítica de redação busca completar a análise crítica dos Evangelhos preenchendo áreas negligenciadas pela crítica de forma e crítica de fonte. Ela estuda o trabalho dos editores dos Evangelhos, especialmente sua motivação teológica, na compilação de materiais orais para formar relatos escritos ou na combinação e edição de materiais escritos para formar seus Evangelhos.

Então, aqui está uma forma de crítica sobre a tradição. A crítica da fonte está aqui embaixo sobre Marcos e Q e seu relacionamento com Mateus e Lucas, e a crítica da redação está olhando para o que Marcos faz ao escolher tradições e modificá-las, o que Q faz ao escolher tradições e modificá-las, e especialmente o que Mateus e Lucas fazem ao selecionar material de Marcos e Q. A crítica da redação foi pronunciada no trabalho de Wrede e Bultmann, mas especialmente na Banton Lecture de RH Lightfoot de 1934. RH Lightfoot deve ser distinguido de JB Lightfoot do século XIX.

Ele era um homem muito mais conservador. No entanto, o verdadeiro florescimento da crítica de redação veio da Alemanha logo após a Segunda Guerra Mundial. A crítica de forma vem da Alemanha logo após a Primeira Guerra Mundial. A crítica de redação vem da Alemanha logo após a Segunda Guerra Mundial.

As obras envolvidas aqui são Gunther Bornkamm e seu trabalho sobre Mateus em 1948 e seguintes, Hans Konzelmann em seu trabalho sobre Lucas em 1954, e Willi Marksson em seu trabalho sobre Marcos em 1956. Mais recentemente, a redação e a crítica se espalharam para o estudo de Q e de João. O trabalho de Robert Gundry, Matthew, a Commentary on Los Literi and Theological Art, 1982, representa uma disseminação do método em círculos evangélicos, pelo qual Gundry foi realmente votado para fora da Evangelical Theological Society.

Gundry sente que Mateus inventou algumas das incidências em seu evangelho para fazer pontos teológicos, a saber, a visita dos Magos e a matança dos bebês. Gundry pode ser o evangélico mais radical aqui, mas ele certamente não está sozinho. Bem, vamos pensar um pouco sobre a metodologia da crítica de redação.

Como a crítica de redação opera? Os passos a seguir dão um esboço dos procedimentos envolvidos. A crítica de redação se preocupa em examinar o trabalho de edição de tipicamente um editor por vez, de qualquer forma. Então, você compara cuidadosamente todas as diferenças entre um dado evangelho e seus paralelos.

Então, por exemplo, digamos que você vai olhar para o trabalho de redação de Mateus, digamos, para o qual você quer dizer o autor do Evangelho de Mateus, que Gundry, eu acho, pensou que era Mateus. Verifique isso. Lembre-se disso agora.

Então, você compararia Mateus com Marcos e Lucas e notaria onde as diferenças ocorrem em cada um dos relatos deles. Dois, tente descobrir essas diferenças que são o resultado da atividade editorial do escritor em estudo. Quais dessas são coisas que Mateus fez? Então, quando você está comparando o relato de Marcos com o relato de Mateus, é isso que Mateus fez com ele ou não? Esse tipo de coisa.

Normalmente, você tem que assumir alguma ordem e relação particular dos Evangelhos. E quase invariavelmente, essa é a teoria dos dois documentos, que entre pesquisadores reais no evangelho, nesse tipo de questão, é certamente a visão majoritária, mas não é uma visão da vasta maioria. Mas quando você chega à crítica da redação, essa é a vasta maioria que vai com esse modelo em particular.

Esse modelo de dois documentos sustenta que Mateus usou Marcos e Q. Segundo, você assume que o escritor não tem outras fontes ou pelo menos que sua própria contribuição pode ser distinguida pelo estilo. Então, você compara estatísticas sobre estilo para reconhecer a contribuição do autor em áreas onde, de outra forma, seria incerto. Então, você olhou para as diferenças e agora está tentando distinguir quais são, digamos, em nosso exemplo particular, estamos pensando no trabalho de Mateus, etc.

Em terceiro lugar, você estuda essas diferenças detalhadas para determinar a motivação teológica do autor para introduzir essas diferenças. Depois de descobrir quais são elas, você localiza textos que expressam essas motivações e, então, interpreta todo o evangelho em termos desses textos e motivações. Em quarto lugar, você reconstrói a perspectiva do autor, suas circunstâncias, seu grupo e seu público.

É o que os alemães chamam de *Sitz und Leben*, a situação de vida do autor, etc. Markson, ao trabalhar com a crítica da redação em Marcos, é típico ao ver três *Sitz und Leben*, ou três situações de vida, em uma determinada passagem do evangelho. Há, antes de tudo, o ministério de Jesus.

Markson e esses outros admitiriam que Jesus existiu e que ele realmente fez coisas. Certo, então alguns dos *Sitz und Leben*, um *Sitz im Leben* é o ministério de Jesus. Mas então há o pano de fundo das fontes, e essas seriam Marcos e Q, ou Proto Marcos, ou vários tipos de coisas desse tipo.

Qual é o *Sitz und Leben* deles? E então você tem o redator, o background do escritor do evangelho, o *Sitz und Leben* daquela pessoa. Então, para Markson, seria Mark. Para Gundry, seria Matthew, etc.

Bem, não vamos entrar em detalhes sobre isso. Esta é apenas uma breve apresentação no final do curso, mas alguns resultados de críticas de redação. Em círculos liberais, sabemos muito pouco sobre a vida de Jesus, mas podemos reconstruir muitos grupos teológicos diversos no cristianismo primitivo.

Em círculos conservadores, a crítica de redação é muito mais contida entre os evangélicos, mas com o trabalho de Gundry e outros, está começando a introduzir a ideia de que nem todas as narrativas descrevem eventos que realmente ocorreram. Mateus, para Gundry, se torna uma espécie de midrash, um termo originário da literatura rabínica, uma recontagem imaginativa ou invenção de eventos para fazer vários pontos teológicos. Bem, uma avaliação da crítica de redação.

Começo com alguns comentários favoráveis, porque falaremos sobre alguns problemas sérios mais adiante. Primeiro, favorável, os escritores do evangelho selecionaram incidentes e materiais sobre Jesus, que eles escolheram registrar. Presumivelmente, eles também condensaram esse material.

Então, João 20 e 31 e João 21:25 nos dizem, você sabe, há muito material por aí, e eu selecionei isso para ajudar você a ver o Jesus do Messias e que você possa ter vida em seu nome. E Lucas 1-1 se refere à compilação de um relato. Em segundo lugar, qualquer estudo detalhado do evangelho está fadado a produzir alguns insights valiosos. A abordagem estuda os Evangelhos em grande detalhe.

Em terceiro lugar, os escritores dos evangelhos aparentemente enfatizaram várias características do ministério de Jesus em sua seleção e apresentação, como podemos ver comparando seus Evangelhos. Mateus enfatiza Jesus como o Rei Messias, vindo em cumprimento da profecia do Antigo Testamento para estabelecer um reino, para estabelecer um reino do céu, e faz esses paralelos entre Jesus e Israel, e preserva para nós esses discursos substanciais de Jesus.

Marcos enfatiza as ações de Jesus e as breves palavras para responder à pergunta, quem é esse homem? Que, de fato, é feita por várias pessoas diferentes na metade frontal do Evangelho, Marcos. E sua resposta é, ele é o Messias, ele é o Filho de Deus. Lucas tem ênfase na historicidade, como você vê em seu prólogo, e no testemunho ocular de Jesus, um interesse em relacionamentos sociais em gentios e mulheres e pobres, e tem essas parábolas ilustrativas.

João enfatiza o significado de Jesus, tanto individual quanto cósmico, e sua pessoa, conforme revelada em suas palavras e milagres. João tem mais simbolismo, mais paralelismo alegórico, mas ainda é o mesmo Jesus. Essas ênfases nos dão uma visão das preocupações teológicas dos escritores.

Então, esses comentários favoráveis. Eles selecionaram materiais, e qualquer estudo detalhado produzirá alguns insights valiosos. Os escritores dos Evangelhos aparentemente enfatizaram várias características do ministério de Jesus, etc., e essas ênfases nos dão insights sobre as preocupações teológicas dos escritores dos Evangelhos — alguns problemas sérios.

Bem, alguns dos resultados que os críticos da forma obtêm, até mesmo os críticos da forma evangélica como Gundry, são alarmantes. Primeiro de tudo, temos uma rejeição de detalhes históricos registrados. Freda disse que Jesus nunca afirmou ser o Messias.

Perrin, que é mais estritamente um crítico de redação, diz: Uma vez que sabemos pouco sobre Jesus, aqui está a aparência de sua declaração, que a crítica de redação torna a vida da pesquisa de Jesus muito mais difícil, é claro, imediatamente óbvio, com o reconhecimento de que muito do material nos Evangelhos deve ser atribuído à motivação teológica do evangelista, ou de um editor da tradição, ou de um profeta ou pregador na igreja primitiva, devemos reconhecer que as palavras de RH Lightfoot eram total e absolutamente justificadas. Os Evangelhos de fato nos rendem apenas um sussurro da voz de Jesus. Isso significa, na prática, que devemos tomar como ponto de partida a suposição de que os Evangelhos nos oferecem informações diretas sobre a teologia da igreja primitiva e não sobre o ensino do Jesus histórico.

Tudo isso está na página 69 de *What is Redaction Criticism*. E então, apenas algumas páginas adiante, a conclusão: não baseie a fé nele. O verdadeiro ponto de corte do impacto da crítica da redação é o fato de que ela levanta questões muito sérias, de fato, sobre o que normalmente motiva a vida da pesquisa de Jesus, a vida da teologia de Jesus.

Isso levanta, acima de tudo, a questão de saber se a visão do Jesus histórico como o locus da revelação e a preocupação central da fé cristã é, de fato, justificável. Página 72. Esse é Norman Perrin, que seria um liberal de linha principal.

Gundry, Robert Gundry, é um evangélico um tanto radical. A visita dos sábios e a fuga para o Egito nunca aconteceram — páginas 26, 32, 34, 35 de seu comentário.

Vou ler isso em voz alta. Mateus agora transforma a visita dos pastores judeus locais, Lucas 2, 8 a 20, na adoração por magos gentios de partes estrangeiras. Assim como as quatro mulheres, além de Maria na genealogia, apontavam para a vinda dos gentios para a igreja, assim também a vinda dos magos antecipa a entrada de discípulos de todas as nações no círculo daqueles que reconhecem Jesus como o Rei dos Judeus e o adoram como Deus.

Tudo isso na página 26. Então, quando ele chega no capítulo 2, versículo 13, para continuar o tema da fuga da perseguição, Mateus muda a subida da Sagrada Família a Jerusalém, Lucas 2, 22, para uma fuga para o Egito, página 32, e então pula para as páginas 34 e 35. 2, 16.

Mateus prossegue com a tipologia mosaica com um episódio correspondente ao massacre dos bebês do sexo masculino dos israelitas pelo faraó na época do nascimento de Moisés. Para fazer isso, ele muda o sacrifício de um par de rolas ou

dois pombinhos, que ocorreu na apresentação do menino Jesus em um templo, Lucas 2:24. Compare Levítico 12, 6 a 8, com o massacre dos bebês em Jerusalém e Belém por Herodes.

A tristeza das mães do bebê corresponde à espada que iria trespassar o coração de Maria, de acordo com a predição de Simeão na apresentação no templo, Lucas 1:35 . Compare Mateus 2:18. Os crimes massivos de Herodes tornaram fácil para Mateus manipular a tradição dominical dessa forma, páginas 34, 35.

Então essa é a rejeição de detalhes históricos registrados. A outra característica alarmante que vemos é a geração de detalhes históricos hipotéticos. Villey Markson, sobre o cenário de Mark, é descrito por Perrin nas páginas 38 e 39.

Ao levar assim a crítica da redação ao seu limite mais distante, Markson talvez aponte o caminho para um dia ainda futuro no trabalho. Este novo afastamento é sua concepção de que a teologia de Marcos reflete a situação na Galileia no ano 66 d.C., no início da guerra judaica contra Roma. Markson acredita que a comunidade cristã de Jerusalém havia fugido de Jerusalém para a Galileia no início da guerra, que lá eles estavam esperando pelas parousias , que acreditavam ser iminentes.

O Evangelho de Marcos afirma que Markson reflete essa situação em sua teologia. Então, por exemplo, o final atual do Evangelho em 16 d.C. é o final verdadeiro. Marcos não pretendia continuar relatando aparições de ressurreição na Galileia.

As referências à Galileia em 14:25 e 16:7 não são referências à ressurreição, mas à parousia . Marcos espera que esse evento ocorra imediatamente em seu próprio dia. Não é nosso propósito aqui defender ou debater com Markson a correção de sua percepção com relação ao lugar e ao tempo da composição do Evangelho de Marcos.

Nossa preocupação é apontar que aqui estamos indo além da crítica de redação em si para um estágio ainda mais novo, um estágio no qual trabalhamos a partir de uma percepção teológica, conseguimos determinar a situação histórica na qual essa percepção surgiu. Geração de detalhes históricos hipotéticos. Gundry no contexto do Evangelho de Mateus, versículos da página cinco e seis de Gundry.

Ao notar as ênfases de Mateus, podemos inferir a situação em que ele escreveu e os propósitos para os quais ele escreveu. Isso também revelará a teologia característica de seu Evangelho. Mateus mostra grande preocupação com o problema de uma igreja mista.

A igreja cresceu muito através do influxo de convertidos de todas as nações, Mateus 28:18 a 20, mas esses convertidos incluem discípulos falsos e verdadeiros, e ele cita um monte de passagens e cita um monte de passagens em vários capítulos ali. A

distinção entre eles está vindo à tona através da perseguição da igreja. Mateus 5:10 a 12.

Essa perseguição não se originou do governo romano, mas foi espalhada principalmente entre os líderes judeus em Jerusalém. Mateus constantemente expõe e aumenta a culpa deles — duas citações nos capítulos 27:28.

Os verdadeiros discípulos estão sofrendo com resistência. Alguns deles tiveram que fugir para salvar suas vidas. Os falsos discípulos, por outro lado, estão fazendo rejeições públicas de Jesus para evitar perseguição.

À frente deles, os falsos discípulos têm falsos profetas que parecem ser eclesiásticos estabelecidos, ou seja, oficiais da igreja cujas atitudes descontraídas e políticas de acomodação os preservaram das dificuldades do ministério itinerante. Esses falsos profetas parecem ter entrado na igreja vindos da seita farisaica e das ocupações de escribas. Bem, olhe para todas essas informações sobre o passado de Mateus.

De onde ele tirou isso? Ao assumir que várias observações na boca de Jesus são alusões a essas coisas. E uma terceira característica alarmante é a adição do gênero de ficção histórica às Escrituras. Perrin diz, na página 75, que a marca do evangelho é o protótipo que outros seguem e é uma mistura de reminiscência histórica, tradição interpretada e a livre criatividade dos profetas e do evangelista.

É, em outras palavras, uma estranha mistura de história, lenda e mito. É esse fato que a crítica de redação deixa inequivocamente claro. Gundry.

Gundry chama isso de Midrash ou Haggadah, mas o compara a romances históricos modernos que combinam verdade e ficção. Páginas 630-632 em seu comentário. Bem, esses são os exemplos de alguns fenômenos alarmantes que estão ocorrendo.

Mas por trás deles, alguns métodos são suspeitos. Nós os categorizamos sob vários títulos, que chamaremos de falácias. Eles não são uma falácia no sentido lógico típico.

A terminologia é minha, mas os problemas metodológicos também foram notados por muitos outros, dos quais Macias Lewis, um crítico literário profissional, é um exemplo proeminente, e eu o citarei em várias ocasiões. Eu chamo a primeira falácia na metodologia da crítica da redação de falácia da fundação de areia. A crítica da redação constrói uma metodologia elaborada em suposições questionáveis, que devem ser cuidadosamente reexaminadas quando produzem tais resultados.

Uma dessas suposições é documentar a teoria dos Evangelhos. Uma segunda é, para Gundry, a dependência total de Mateus em Marcos e Q. Então, ele assume que Mateus não tem fontes além de Marcos e Q, e então ele tem que gerar a visita dos

sábios a partir do material que ele acha que Lucas preservou de Q sobre os pastores e a visita ao templo, etc. Um segundo problema é o que eu chamo de falácia da explicação, e nisso, temos a suposição de que qualquer explicação deve ser favorecida sobre a ignorância.

Este é um problema tanto para a crítica de redação do lado liberal quanto, às vezes, para a harmonização do lado conservador. Às vezes, simplesmente não sabemos a resposta, então podemos dizer, bem, aqui estão as, você sabe, passagens problemáticas e achamos que elas podem ser harmonizadas desta forma ou talvez desta forma ou desta forma, mas não temos máquinas do tempo. Não sabemos com certeza.

Você pode dizer, eu favoreço este, mas eu não estava lá, certo? Bem, você está tendo o mesmo tipo de fenômeno acontecendo com a crítica de redação, embora eles nem sempre digam que há outras alternativas lá. Lewis tem esse comentário em seu ensaio sobre crítica no livro sobre histórias, páginas 132-133. Quase todos os críticos, ele diz, são propensos a imaginar que conhecem muitas facetas de muitos fatos relevantes para um livro que, na realidade, eles não conhecem.

O autor, Lewis, tinha sido um autor, ok, e teve seus livros resenhados, inevitavelmente percebe sua ignorância porque ele, muitas vezes sozinho, conhece os fatos reais. Ultimamente, tem havido um exemplo muito bom disso nas resenhas do Senhor dos Anéis de Tolkien. A maioria dos críticos presumiu que deveria ser uma alegoria política, e muitos pensaram que o anel mestre deveria ser a bomba atômica.

Qualquer um que conhecesse a história real da composição sabia que isso não era apenas errôneo, mas também cronologicamente impossível. Ou seja, Tolkien já tinha entrado no ringue antes que qualquer civil soubesse sobre a bomba atômica, hein? Outros presumiram que a mitologia de seu romance havia crescido a partir de sua história infantil, O Hobbit. Agora, é claro, ninguém culpa os críticos por não saberem dessas coisas.

Como eles deveriam? O problema é que eles não sabem que não sabem. Um palpite salta em suas mentes, e eles o escrevem sem nem perceber que é um palpite. Aqui, certamente, o aviso para todos nós como críticos é muito claro e alarmante.

Críticos de Piers Plowman e Fairy Queen fazem construções gigantescas sobre a história dessas composições. Claro, todos nós deveríamos admitir que tais construções são conjecturais, e como conjecturas, você pode perguntar, elas não são algumas delas prováveis? Talvez sejam, mas a experiência de ser revisada diminuiu minha estimativa de sua probabilidade porque quando você começa conhecendo os fatos, você descobre que as construções estão muitas vezes totalmente erradas. Aparentemente, as chances de estarem certas são baixas, mesmo quando são feitas ao longo de linhas muito sensatas.

Portanto, não posso resistir à convicção de que palpites semelhantes sobre os mortos parecem plausíveis apenas porque os mortos não estão lá para refutá-los. Cinco minutos, uma conversa com o verdadeiro Spencer ou o verdadeiro Langland, como os autores de *Fairy Queen* e *Piers Plowman*, podem explodir todo o laborioso tecido em pedacinhos. São as páginas 132, 133.

Então, é melhor não saber a resposta, e não, não sabemos, do que saber a resposta errada. Um terceiro problema é o que eu chamo de falácia da dissertação. A indústria de PhDs impulsiona esse problema.

A necessidade dos candidatos a PhD de escreverem suas dissertações sobre algo novo e acadêmico pode levar à rejeição de uma explicação direta por uma envolvente, à rejeição da história registrada pela história reconstruída, à rejeição de evidências diretas por evidências indiretas. O resultado é um novo tipo de alegorização. Você se lembra da observação de Perrin, aqui está a observação de Perrin na página 42.

As perguntas, respostas e ensinamentos estão nos lábios de Jesus e Pedro, mas os títulos envolvidos são do vocabulário cristológico da igreja primitiva. Embora os personagens na perícopes tenham nomes e designações derivados das circunstâncias do ministério, Jesus, Pedro e a multidão, eles também representam igualmente as circunstâncias da igreja primitiva. Jesus é o Senhor se dirigindo à igreja, Pedro representa crentes falíveis que confessam corretamente, mas continuam a interpretar sua confissão incorretamente, e a multidão é toda a membresia da igreja para quem o ensino geral que se segue é projetado.

Então, chegamos ao ponto mais importante no que diz respeito à visão crítica da redação da narrativa. Ela tem a forma de uma história sobre o Jesus histórico e seus discípulos, mas um propósito em termos do Senhor ressuscitado e da igreja. 42.

Observe a resposta de Lewis, que escreveu o mesmo artigo sobre crítica em seu livro sobre histórias. Onde o crítico parece-me errar mais frequentemente é na suposição precipitada de um sentido alegórico, e assim como os revisores cometem esse erro sobre obras contemporâneas, na minha opinião os acadêmicos frequentemente o fazem sobre as antigas. Eu recomendaria a ambos, e tentaria observar em minha própria prática crítica, esses princípios.

Primeiro, nenhuma história pode ser inventada pela inteligência do homem, que não possa ser interpretada alegoricamente pela inteligência de algum outro homem. A interpretação estóica de interpretações primitivas da mitologia primitiva, as interpretações cristãs do Antigo Testamento e as interpretações medievais dos clássicos, todas provam isso. Portanto, também, o mero fato de que você pode alegorizar a obra diante de você não é, por si só, prova de que ela seja uma alegoria.

Não devemos prosseguir com a alegorização de nenhuma obra até que tenhamos claramente estabelecido as razões para considerá-la uma alegoria. Isso é página 140, 141. Um quarto problema que vejo é o que chamo de argumento da falácia do silêncio.

Se um incidente ou detalhe em particular aparece apenas em um evangelho, o escritor deve tê-lo inventado em vez de ter informações adicionais. Compare isso com uma observação de Lewis na página 131. Declarações negativas são, é claro, particularmente perigosas para o revisor preguiçoso ou apressado, e aqui está imediatamente uma lição para todos nós como críticos.

Uma passagem de toda a Fairy Queen justificará você em dizer que Spencer às vezes faz isso e aquilo. Apenas uma leitura exaustiva e uma memória infalível justificarão a declaração de que ele nunca faz isso. Isso todo mundo vê.

O que escapa mais facilmente a alguém é o negativo oculto em declarações que são aparentemente positivas. Por exemplo, em qualquer declaração que contenha o predicado new, alguém diz levianamente que algo que Dunn ou Stern ou Hopkins fizeram era novo, comprometendo-se assim com o negativo de que ninguém o havia feito antes. Mas isso está além do conhecimento de alguém.

Tomado rigorosamente, está além do conhecimento de qualquer um. Novamente, coisas que todos nós somos propensos a dizer sobre o crescimento ou desenvolvimento de um poeta podem frequentemente implicar o negativo de que ele não escreveu nada exceto o que chegou até nós, o que ninguém sabe. Se tivéssemos o que agora parece uma mudança abrupta em sua maneira do poema A para o poema B, poderia acabar não tendo sido abrupto de forma alguma.

Então, o fato de que um dado evangelho, desculpe-me, o escritor do evangelho não menciona algum detalhe, não é garantia de que ele não o conheça. Um quinto problema é o que eu chamo de falácia psicanalítica. O crítico pode inferir a motivação do autor a partir de sua escrita.

As diferenças entre os Evangelhos são tendenciosas, em vez de acidentais ou questões de ênfase. Aqui, Lewis faz uma boa observação na página 134. Outro tipo de crítico que especula sobre a gênese do seu livro é o psicólogo amador.

Ele tem uma teoria freudiana da literatura e afirma saber tudo sobre suas inibições. Ele sabe quais desejos não reconhecidos você está gratificando. E aqui, é claro, não se pode, no mesmo sentido de antes, afirmar começar conhecendo todos os fatos.

Por definição, você, o autor, é inconsciente das coisas que ele professa descobrir. Portanto, quanto mais alto você as nega, mais certas elas devem estar. Embora, estranhamente, se você as admitisse, isso provaria que ele também estava certo.

E há uma dificuldade adicional. Não se está aqui tão livre de preconceitos, pois esse procedimento é quase inteiramente confinado a revisores hostis. E agora que penso nisso, raramente o vi praticado em um autor morto, exceto por um acadêmico que pretendia, em alguma medida, desmascará-lo.

Alguns exemplos. Lewis sobre a origem de seu romance *Paralandra*, nas histórias de Owen, página 144. Lewis está falando com alguns outros escritores de sua época.

Brian Aldiss, eu acho, é o que aparece aqui. Lewis diz que o ponto de partida do segundo romance, *Paralandra*, que está em sua trilogia de ficção científica, foi minha imagem mental das ilhas flutuantes. Todo o resto do meu trabalho, em certo sentido, consistiu em construir um mundo no qual ilhas flutuantes pudessem existir.

E então, é claro, a história sobre uma queda evitada se desenvolveu. Isso porque, você sabe, tendo levado seu povo a este país emocionante, algo deve acontecer. Aldiss diz, mas estou surpreso que você tenha colocado dessa forma.

Eu teria pensado que você construiu *Paralandra* para propósitos didáticos. Lewis, sim, todo mundo pensa isso. Eles estão bem errados.

A falácia do esnobismo intelectual. Todos nós tendemos a invejar aqueles com mais prestígio do que nós temos. Aqui, geralmente, os liberais universitários, e tendemos a menosprezar aqueles com menos conservadores de algum tipo.

Bem, essas são minhas seis falácias, se preferir, problemas com a metodologia da crítica de redação. Conclusões sobre crítica de redação. Os comentários acima não devem ser tomados como um argumento para anti-intelectualismo.

Em vez disso, é um chamado para uma avaliação sóbria de nossas próprias habilidades e para um temor a Deus, que, de acordo com 1 Coríntios 3:19, pega os sábios em sua astúcia. E contra quem, de acordo com Provérbios 21:30, não há sabedoria, nem entendimento, nem conselho. Bem, essa é a nossa discussão sobre crítica de redação.

Agora queremos, bem brevemente, reunir algumas conclusões sobre a história do evangelho como um todo sobre todo esse curso. Vimos vários tópicos relevantes para a questão da precisão histórica do evangelho, em particular os Evangelhos sinóticos. Vimos visões modernas sobre Jesus, e vimos que as pessoas têm todos os tipos de visões sobre Jesus.

As Testemunhas de Jeová dizem que Jesus não é Deus. Os mórmons dizem que Jesus era Deus, mas você também pode ser. Os velhos liberais dizem que Jesus era divino, como todos os homens são, como a mãe de Harry Emerson Fosdick era, etc.

Todas essas visões têm apenas conexões tangenciais com a Bíblia. Todas são novas formas de idolatria, que podem ser confortáveis, mas não são boas para ajudar você em uma enrascada, já que os deuses feitos para endossar essas visões não existem de fato. Também olhamos para várias visões históricas, das quais o Seminário de Jesus é a moda atual.

Eles alegam usar dados históricos, mas, na verdade, eles escolhem os pontos que gostam deles. Isso nos leva a dados históricos sobre Jesus. Em sua leitura, eu havia designado meus alunos a ler Gregory Boyd, Cynic Sage, ou Son of God, ou Lee Strobel, *The Case for Christ*.

Você pode ter notado que as fontes pagãs antigas nos contam muito pouco sobre Jesus. Nós as vemos admitindo como históricas algumas coisas que os liberais não gostariam de admitir. Alegações messiânicas, milagres e coisas assim.

Os materiais judaicos refletem uma reação negativa contra Cristo, assim como diz o Novo Testamento. O Novo Testamento diz que os oponentes judeus de Jesus responderam, assim como o Antigo Testamento previu que fariam. Eles não foram capazes de negar sua existência e profundo impacto, e ainda não conseguem explicar o cumprimento da profecia do Antigo Testamento em Jesus.

Por que há tão pouco sobre Jesus e fontes não cristãs? Não sabemos ao certo. Talvez seja como a situação da mídia hoje. Frequentemente vemos a mídia evitando reportagens sobre coisas que não gostam, particularmente quando é difícil dar a elas um viés negativo.

Quanto ao testemunho do Novo Testamento sobre Jesus, Paulo está escrevendo em meados dos anos 50, e é muito difícil de contornar. Seu testemunho fornece detalhes finos sobre Cristo em lugares dentro de uma imagem geral que é consistente com as imagens do evangelho. Isso nos leva a 3. Os Evangelhos são as principais fontes de Jesus.

Os Evangelhos contêm mais de 100 páginas de detalhes sobre Jesus. Por tamanho, idade e procedência, eles são nossas principais fontes para qualquer tipo de estudo histórico sobre ele. A evidência externa é bastante firme em relação aos seus autores, combinando com os nomes que encontramos nos títulos de cada um, sem nenhuma evidência para quaisquer outras sugestões.

Exceto por João, esses não são os nomes que alguém teria escolhido se nomes estivessem sendo inventados. A evidência externa para as datas e ordem de escrita

dos Evangelhos deve ser descartada pelos liberais para manter a teoria dos dois documentos. Mesmo assim, a teoria não faz um trabalho melhor de explicar a evidência interna do que a sugestão que propusemos, que ancora o conteúdo do evangelho no ensino apostólico.

Com quase 2.000 anos de diferença, não podemos responder a todas as supostas contradições no material do evangelho, mas podemos fazer sugestões para elas que sejam consistentes com a confiabilidade histórica. Não devemos deixar que preocupações sobre tais assuntos nos levem a adotar visões com muito mais problemas, tornando-nos assim como aqueles que coam um mosquito e engolem um camelo. Esses assuntos não são apenas acadêmicos.

Eles influenciaram todos os pastores liberais, a maioria das grandes denominações, a mídia secular e muitas das pessoas que você tentará alcançar para Cristo, especialmente aquelas que receberam educação universitária. Eles fizeram com que muitos cristãos que foram expostos a esse material vivessem em dúvida sobre os dados do evangelho sobre Jesus. Eles levaram muitas pessoas a rejeitar o cristianismo completamente e são usados pela maioria das religiões em oposição ao cristianismo.

Devemos pressionar a evidência e convocar as pessoas a viverem com responsabilidade, viverem responsavelmente à luz dela.

Bem, esses são os Evangelhos sinóticos para este curso. Obrigado pela sua atenção.